

A MULHER NA FAMÍLIA, NO TRABALHO E NA DOCÊNCIA EM EAD — UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

ANA CLAUDIA UCHÔA ARAUJO ¹
PATRÍCIA HELENA CARVALHO HOLANDA ²

¹Instituto Federal do Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

²Universidade Federal do Ceará

¹<anac.uchoa@gmail.com>

Resumo. Entre o século passado e o começo do século XXI, a mulher tem começado a ocupar diferentes e novos espaços profissionais na sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que concilia as funções de mãe, esposa e dona de casa. Neste sentido, este texto objetiva discutir intersecções entre o trabalho exercido pelas mulheres, notadamente a docência em Educação a Distância - EaD, e os seus impactos na constelação familiar contemporânea através das contribuições de teóricos como Chodorow, Del Priore, Segnini, entre outros. Esta pesquisa é de natureza bibliográfica, metodologia baseada em Flick, Lakatos e Marconi, tendo sido realizada a partir da leitura de documentos e pesquisas que tratam da temática estudada, bem como de obras de autores especialistas em estudos da mulher. Diante das leituras e análises realizadas, esta pesquisa sinaliza a precarização da docência e a necessidade do estudo da regulamentação das leis trabalhistas para o ofício do tutor a distância, com especial atenção para o caso das mulheres, que têm necessidades específicas advindas da maternidade e que repercutem na dimensão laboral.

Palavras-chaves: Mulher. Família. Trabalho. Docência em EaD.

Abstract. Since the period between the last century and the beginning of the 21st Century, the woman has begun to occupy different and new professional spaces in the Brazilian society, while reconciling the roles of mother, wife and homemaker. In this sense, this study discusses the intersections between the work done by women, especially teaching in distance education programs, and its impact on the contemporary family constellation through the contributions of theorists such as Chodorow, Del Priore, Segnini, amongst others. This research has a bibliographic nature, with the methodology based on Flick, Lakatos and Marconi, having been held from the reading of documents and researches which deal with the subject in question, as well as works by authors who are experts in women's studies. Given the readings and analyzes, this research indicates the precariousness of teaching and the need to study the regulation of labor laws for the work of a tutor in distance education programs, with special attention to the case of women, who have specific needs due to motherhood and have repercussions on the employment dimension.

Keywords: Woman. Family. Work. Teaching in distance education.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo está diretamente relacionado ao nosso projeto de tese de Doutorado, pertencente à Linha de Pesquisa de História da Educação Comparada e ao Eixo Temático de Família, Sexualidade e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC, cujo título é *Da Formação no Ensino Normal ao Papel de Tutora no Ceará: uma genealogia da feminização do trabalho docente e sua precarização na era*

da cibercultura.

Como, em nossa pesquisa mais ampla, temos estudado a relação entre o trabalho docente exercido pelas mulheres, notadamente na Educação a Distância - EaD, e o fenômeno da precarização da docência, nesta pesquisa específica, temos buscado investigar as intersecções entre o trabalho exercido pelas mulheres e os seus impactos na constelação familiar contemporânea.

Para o referencial teórico, temos nos ancorado em autores referenciados nesta temática, em virtude das

suas muitas contribuições em trabalhos que tratam da mulher na sociedade, na família e no trabalho, como Chodorow (2002), Priore (2011), Priore (2013), Segnini (1998).

A importância desse estudo reside no fato de que, ao se estudar o percurso feminino na docência e divulgar seus achados, se mune o coletivo de mulheres, quer aquelas atuantes na docência ou não, quanto a informações acerca da história contemporânea da mulher brasileira no mundo do trabalho, bem como os processos de construção de subjetividades, inclusão e exclusão que o permeiam, sobretudo, no atual período, em que as crescentes industrialização, mecanização e virtualização das relações têm “empurrado” a mulher para o mundo além de sua casa, obrigando-a a assumir uma jornada de trabalho dupla ou tripla, dentro de uma sociedade em transição entre o conservadorismo e os novos padrões de vida e relacionamentos, num contexto crescentemente urbano.

Para a elaboração deste texto, foi feita uma pesquisa bibliográfica e documental, metodologia baseada em Flick (2009) e Lakatos e Marconi (2005). O estudo foi realizado a partir da leitura de documentos e pesquisas que tratam da temática estudada, bem como de obras de autores acima citados.

O artigo está estruturado da seguinte forma: na fundamentação, abordam-se a mulher na família, relacionando-a ao cenário contemporâneo mais amplo, bem como a mulher no mundo do trabalho, notadamente, aquele relacionado à docência na EaD. Finalmente, nas considerações finais, são apresentadas as compreensões advindas da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO

Fundamenta-se aqui o arcabouço teórico da temática investigada, procurando abordar as implicações dos múltiplos papéis assumidos pela mulher na sua configuração como pessoa, mãe e profissional, sem deixarmos de considerar que o seu ingresso da mulher na família, no mundo do trabalho e na escola é datado no tempo e no espaço e não está isento de circunstâncias políticas, econômicas, religiosas, entre outras.

2.1 A MULHER NA FAMÍLIA

Inicialmente, estudar a mulher, enquanto mãe, esposa, dona de casa e profissional, implica em “[...] apontar como as mudanças que ocorrem na estrutura econômica e social têm impacto sobre as organizações familiares, gerando diferentes expectativas sobre os papéis e as funções de homens e mulheres nas famílias e na sociedade” (DINIZ; COELHO, 2005, p. 139).

Em contrapartida, entender o percurso da mulher na sociedade possibilita-nos também compreender a história desta sociedade e de como são construídas suas expectativas em relação aos seus membros.

Para Chodorow (2002), por exemplo, as tarefas relacionadas à maternidade são aprendidas através da cultura, sendo reforçadas e difundidas através das práticas familiares e sociais. Em outras palavras, uma mulher aprende a ser mulher e mãe com a sua mãe e tende a reproduzir com os seus filhos e filhas os modelos de ser mãe de sua genitora, aos quais foi exposta.

Este fenômeno, todavia, por ser direcionado à mulher, merece ser visto no âmbito do sistema de regulação sexo-gênero e das desigualdades de ordem de gênero e sexo existentes na sociedade, os quais também sofrem interferência da esfera econômico-produtiva. Assim, não podemos perder de vista, o acúmulo gradativo de funções destinadas à mulher, não mais vista apenas como mãe, mas também operária e força-motriz da família, uma vez que

[...] O incremento da instrução escolar para a população feminina foi uma demanda da sociedade capitalista. Era necessário capacitar minimamente as mulheres da classe proletária para o desempenho das atividades laborais. Ao mesmo tempo, aquelas pertencentes a classes mais elevadas passaram a ter acesso à leitura e à escrita, pois ser letrada constituía um atributo necessário à boa esposa e mãe de família (MENDÉZ, 2005, p. 52).

Destarte, se fizermos uma retrospectiva, desde a vida primitiva, quando os homens se embrenhavam na floresta para a garantia da sobrevivência do grupo e as mulheres ficavam confinadas nas cavernas para cuidar das crianças, foi se estabelecendo um ordenamento diferenciado para homens e mulheres, de modo que aqueles ficaram marcados para as atividades públicas e de prestígio no bando, pois estas envolviam a caça e captura de animais e, conseqüentemente, a demonstração da força e coragem e as últimas, para as atividades de pouca sociabilização externa, por serem de âmbito doméstico, como a tarefa de cuidar de criança.

Com o desenvolvimento da vida em sociedade, homens e mulheres saíram das cavernas e construíram cidades, porém as tarefas divididas por sexo continuaram com a mesma divisão de outrora, embora os instrumentos de trabalho fossem outros e tenham provocado redimensionamentos. É fato que até o período de existência da família medieval, como já explicado, toda a parentela era muito próxima, as mulheres executavam as lidas domésticas com as meninas e os homens e os

meninos executavam o trabalho para o sustento familiar numa oficina geralmente situada em sua casa. Em outras palavras, as atividades eram repartidas com os membros da família, consoantes a competência de cada um, ao mesmo tempo em que o homem mantinha o poder de mando em relação à esposa e aos filhos, uma vez que as ações se davam sob o seu olhar e regência.

No moderno capitalismo, isto se alterou profundamente, uma vez que de dono do seu próprio negócio, o chefe da família passou a ser vendedor de sua força de trabalho, ter de se mostrar submisso aos seus superiores e trabalhar distante de seu lar uma grande parte de tempo, em função da rotina no chão de fábrica, constituindo-se um duro golpe para o patriarcado, que entra, desde então, em crise Ceccarelli (2005). Somou-se a isto o fato que a carga de trabalho extenuante deste pai trabalhador ainda lhe tirava o ânimo e as condições de interagir com os filhos e esposa, durante a folga ou os fins de semana. Por isto, cumpre discutirmos os impactos vividos pela família em função do capital.

A situação acima descrita se, por um lado, significou mais liberdade da mulher e das crianças do jugo patriarcal, no início da modernidade, por outro, esvaziou o homem de sua força na família, ao mesmo tempo em que sobrecarregou a mulher, posto que além de responsável solitária pelo cuidado e educação dos filhos, passou a ser também anteparo e conforto para o marido cansado e fragilizado.

No Brasil, esta mulher foi bem representada pela senhora burguesa, de posses, no século XIX e início do século XX. Conforme D’Incao (2011) esta mulher, embora servisse de vitrine social e moral para o marido, como esposa devotada e mãe exemplar, não passava nunca de uma coadjuvante, sendo restrita a sua tarefa ao esteio familiar, ajudada por empregadas ou mulheres pobres.

Porém, os anos se passaram e o mundo passou por inúmeras transformações, o que nos move a investigar como as mulheres têm vivido em meio a isto, em busca do entendimento das mulheres do ontem, cujas vidas repercutem no nosso hoje, ou como diz Priore (2011, p. 7), da vida das “irmãs do passado”.

Como já vimos acima, as mulheres, também pela pressão do capitalismo moderno, tiveram de ocupar postos de trabalho, e logo passou a reclamar por direitos a oportunidades iguais, pois “[...] passaram a integrar o movimento operário, lutando ao lado dos homens pela superação do capitalismo que os oprimia [...]” (MENDÉZ, 2005, p. 52-53)

Atualmente, a mulher trabalhadora, casada ou solteira, mãe ou não, concilia os diferentes papéis a ela impostos, ainda com a sobrecarga das tarefas ligadas ao

cuidar e reproduzir. No caso da professora tutora a distância, nosso sujeito da pesquisa, a sua carga horária de trabalho pode chegar a ser de três expedientes, sem levarmos em consideração o tempo que destina aos cuidados com a família e a casa. Isto é um indicativo de que a divisão das tarefas por sexo atravessou os tempos e chegou à contemporaneidade, repercutindo nos arranjos familiares atuais, uma vez que a mulher ocidental continua, na sua grande maioria, sendo mais responsável pelo cuidado dos filhos do que o homem, ao mesmo tempo em que precisa estudar, trabalhar e cuidar das tarefas domésticas, conforme atesta Silva (2011, p. 1).

Contudo, este modelo de sociedade com as mulheres trabalhando somente dentro de casa, responsáveis pela reprodução de uma família, e o homem como provedor, trabalhando fora nunca ocorreu de maneira plena. Desde sempre muitas mulheres acumulam uma dupla jornada de trabalho, dentro e fora de casa, e a participação das mulheres no mercado de trabalho sob o capitalismo vem crescendo de forma contínua. Porém, este crescimento ainda enfrenta uma grande resistência social de aceitação do direito das mulheres ao emprego, e não vem acompanhado da responsabilização dos homens pelo trabalho reprodutivo, o que revela a atualidade do peso da divisão sexual do trabalho na estrutura de nossa sociedade.

Entretanto, no âmbito da sociedade capitalista atual, a necessidade de todos estarem inseridos na cadeia produtiva tem feito com que a família nuclear composta por mãe, pai e filhos sofra visíveis transformações, sobretudo nas relações de gênero, como pondera (MENDÉZ, 2005, p. 52-53). Tem-se assim o fenômeno de diversas famílias chefiadas por mulheres, solteiras, divorciadas ou casadas, o que traz implicações diretas no ordenamento da família e na distribuição do mando e do poder que ocorre na constelação familiar. A este respeito, a pesquisa do IBGE realizada em 2011¹ revela que

Foi identificado ainda um crescimento significativo na proporção de lares chefiados por mulheres. No total de domicílios onde residem casais sem filhos, 18,3% têm a mulher como figura principal. Em 2001, tal proporção não passava dos 4,5%.

Já 18,4% dos lares com casais com filhos têm na figura feminina o personagem preponde-

¹Trecho da reportagem intitulada IBGE: casais sem filhos e lares chefiados por mulheres aumentam

rante. Em 2001, as mulheres que eram casadas e tinham filhos chefiavam 3,4% dos lares.

Os dados claramente nos revelam que cada vez mais mulheres assumem a dianteira financeira e, consequentemente, de mando no campo familiar, o que nos move a perguntar sobre como tem se dado a conciliação das tarefas de maternidade e de cuidado com o lar, cultural e socialmente atribuídas às mulheres, com aquelas relacionadas ao campo profissional. Isto, contudo, precisa ser estudado levando em conta que

[...] a fim de se alterar efetivamente a condição de desvantagem da mulher na sociedade, faz-se necessário uma melhor compreensão do efeito limitador da maternidade sobre a participação das mulheres no mundo público, bem como das soluções que têm sido abertas e buscadas por elas para melhor lidar com a questão (COUTINHO, 2005, p. 127).

No bojo destas mudanças nos contornos familiares, as quais geram novas demandas para os homens e, sobretudo, para as mulheres, podemos citar também a ocorrência do fenômeno da juventude tardia, em que filhos de trinta anos ou mais, embora empregados, preferem permanecer morando com os pais, a ter de arcar com os gastos e a responsabilidade de uma vida adulta. Há, ainda, a nova divisão das atividades domésticas, em que o homem e os filhos estão cada vez mais, em diversas famílias, partilhando com a mulher a responsabilidade pela limpeza da casa. Todas estas situações pedem a nossa análise apurada, sem que deixemos de ver a atuação feminina no mundo do trabalho.

2.2 A MULHER NO TRABALHO E NA EAD

A mulher brasileira, ainda no passado, já trabalhava e muito, conforme atesta Priore (2013, p. 89): “Há centenas de anos, a mulher brasileira trabalha. Nos primórdios da colonização, elas foram fazendeiras, comerciantes, lavadeiras, escravas”.

Na contemporaneidade, tem assumido diversos postos de trabalho e acumulado funções historicamente e social atribuídas a ela, como aquelas relacionadas à maternidade e aos cuidados do lar, advindas pelas modificações ocorridas em nossa sociedade por ocasião do surgimento, expansão e consolidação do Capitalismo.

Dados do IBGE (2011) em relação ao Brasil mostram que o percentual da população ocupada, formada por mulheres, passou de 40,5% em 2003, para 45,3% em 2011. Quanto aos homens, este percentual se elevou de 60,8% para 63,4%. No tocante à ocupação salarial feminina, além do magistério, o comércio tem atraído

cada vez mais mulheres. O que ilustra esta afirmação são os dados do DIEESE², coletados em 2009 e publicados em 2010, os quais informam que tem crescido a participação de mulheres na composição da mão de obra no setor de comércio no Distrito Federal e nas regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, Fortaleza e São Paulo.

Neste período, a quantidade de mulheres tem chegando a quase metade daquela formada por trabalhadores assalariados neste setor, ou seja, 840 mil trabalhadoras comerciárias. Um detalhe digno de menção, nesta pesquisa, é a extensa jornada de trabalho a que estas mulheres são expostas, pois embora a carga horária seja menor que a dos trabalhadores, perfaz 44 horas semanais³.

No tocante ao índice de mulheres exercendo o magistério na Educação Básica, de acordo com os dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) coletados em 2001 e disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, em 2003, há uma grande variação na distribuição de professores quanto ao sexo, levando-se em consideração a série e a disciplina lecionada. Sabe-se, também, que, em muitas cidades de nosso país, para o público feminino, a primeira opção de emprego é o magistério da Educação Infantil e dos primeiros anos do Ensino Fundamental, sendo este o principal motivo para o grande número de mulheres nestes níveis da Educação Básica.

Alguns dados chamam a atenção nesta pesquisa: as mulheres são maioria na disciplina de Língua Portuguesa, independentemente da série estudada. Por exemplo, na 4ª série, são 92,1% contra 7,9% de docentes do sexo masculino. Porém à medida que a série aumenta, o número de docentes do sexo feminino diminui. Quanto à disciplina de Matemática, embora, na 4ª série do Ensino Fundamental, as mulheres sejam maioria, este número vai baixando gradativamente e no 3º Ano do Ensino Médio, os docentes do sexo masculino passam a ser majoritários, perfazendo um quantitativo de 54,7% conforme a tabela 1 apresentada pelo INEP, intitulada Distribuição percentual dos professores por disciplina e série, segundo o gênero e a unidade geográfica — Sis-

²Boletim Trabalho no Comércio. Mulher Comerciária: Trabalho e Família.

³A respeito desta temática, a pesquisa em andamento, intitulada *Arranjos Familiares e Rotina de Trabalho das Mulheres Comerciárias Mulheres Professoras no Ceará: Subjetivação, Sexualidade, Cidadania em perspectiva histórica e comparada*, sob a coordenação das Professoras Patrícia Holanda e Zuleide Queiroz e situada na Linha de Pesquisa de História da Educação Comparada e no Eixo Temático de Família, Sexualidade e Educação, tem empreendido uma investigação desde o ano de 2013, que se encontra em fase inicial de coleta de dados e já sinaliza uma aproximação com a realidade ora apresentada.

Tabela 1: Distribuição percentual dos professores por disciplina e série, segundo o gênero e a unidade geográfica, Sistema de Avaliação da Educação Básica, Fonte: MEC (2003, p. 36)

Unidade Geográfica	Gênero do Professor	Disciplina					
		Língua Portuguesa			Matemática		
		Série			Série		
		4 - EF	8 - EF	3 - EF	4 - EF	8 - EF	3 - EF
Brasil	Masculino	7,9	13,3	26,5	8,9	43,7	54,7
	Feminino	92,1	86,7	73,5	91,1	56,3	45,3
Norte	Masculino	13,6	29	46,5	18,3	62,9	63,4
	Feminino	86,4	71	53,5	81,7	37,1	36,6
Nordeste	Masculino	12,4	20,8	30,6	12,6	57,2	77,4
	Feminino	87,6	79,2	69,4	87,4	42,8	22,6
Sudeste	Masculino	2,6	11,6	25,1	3,6	34,4	46,7
	Feminino	97,4	88,4	74,9	96,4	65,6	53,3
Sul	Masculino	5,2	9,4	16	6,3	36,6	39
	Feminino	94,8	90,6	84	93,7	63,4	61
Centro -Oeste	Masculino	9,3	20,5	20,5	10,9	46	65,1
	Feminino	90,7	79,5	79,5	89,1	54	34,9

tema de Avaliação da Educação Básica – Saeb/2001.

Outro dado que chama a atenção é que a maioria dos alunos que estudam na EaD é composta por mulheres que estudam e trabalham, pois, de acordo com os dados do Censo brasileiro de EaD de 2011⁴, as mulheres ocupam 57% das vagas nos cursos de Educação a Distância, autorizados pelo MEC e 57% nos cursos livres (cursos de aperfeiçoamento e atualização pessoal ou aprimoramento profissional), perdendo apenas nos cursos corporativos, ofertados por meio desta modalidade, com 48% das vagas contra 52% das ocupadas por homens.

Estes dados comprovam que as mulheres cada vez mais têm procurado outros horizontes formativos, ao mesmo tempo em que se inserem no mundo do trabalho, notadamente, a partir do século XX até a contemporaneidade, e que, além disto, o magistério, sobretudo, aquele ofertado para a Educação Básica, é predominantemente feminino. No entanto o magistério das disciplinas consideradas “duras”, como a Matemática, tende a ser masculino. O Censo da EaD de 2008, embora apresente o quantitativo de quase 30.000 docentes, envolvidos com a educação a distância, não apresenta os quantitativos destes profissionais distribuídos por gênero, tampouco informa se estes desenvolvem outras atividades profissionais em paralelo com a que executam na modalidade docente, uma lacuna que demanda uma pesquisa mais apurada.

No caso das mulheres professoras tutoras a distân-

cia⁵ da Universidade Aberta do Brasil - UAB⁶, nossos sujeitos de pesquisa, analisar a sua atuação e sua condição de trabalho no contexto da EaD, requer que façamos uma análise contextual do mundo do trabalho, a partir do instante histórico em que as mulheres se viram cada vez mais impelidas a deixar seus lares, quer por necessidade financeira, quer por necessidades acadêmicas ou pela satisfação de seus ideais, bem como pelos horizontes sociais e culturais traçados para estas mulheres.

A explicação de Ribeiro (2011) parece oferecer pistas a respeito da razão do trabalho intelectual feminino e de sua utilização no mundo do trabalho:

Como se sabe, o desenvolvimento de novas tecnologias para a produção requer cada vez menos o trabalho braçal, necessitando-se cada vez mais de trabalho intelectual. Consequentemente, criam-se condições cada vez mais favoráveis para a inserção do trabalho da mulher nos mais diferentes ramos de atividade.

No entanto, a crescente mecanização e o trabalho virtualizado (ou o teletrabalho) na docência em EaD ou em qualquer outro ramo de trabalho, além do próprio processo de feminização, precisam ser vistos pelo prisma do impacto que a reestruturação produtiva e reestruturação capitalista tem causado, uma vez que

[...] A microeletrônica, possibilitando o desenvolvimento da automação, da robótica, da telemática, se insere no contexto de mudanças nas relações sociais, sobretudo nas relações de trabalho. Reestruturações organizacionais expressam novas relações de poder assim como a emergência de novas formas de

⁵Segundo documento do MEC (MEC, 2010, p. 8) tutor é “profissional selecionado pelas IPES vinculadas ao Sistema UAB para o exercício das atividades típicas de tutoria, sendo exigida formação de nível superior e experiência mínima de 1 (um) ano no magistério do ensino básico ou superior, ou ter formação pós-graduada, ou estar vinculado a programa de pós-graduação”. Ainda, o Ofício Circular 20/DED/CAPEs de 15 de dezembro de 2011 informa que dos tutores exige-se: a) “formação na área da disciplina ou do curso em que atuam, garantindo assim a qualidade da formação em nível superior oferecida no âmbito do sistema UAB; e b) estar vinculado ao setor público, ser aluno de programa de pós-graduação de IES pública ou possuir outro tipo de vínculo com a IES de atuação.”

⁶O Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB foi criado, de acordo com o MEC (2003), para “[...] ampliar e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior, por meio da educação a distância. A prioridade é oferecer formação inicial a professores em efetivo exercício na educação básica pública, porém ainda sem graduação, além de formação continuada àqueles já graduados. Também pretende ofertar cursos a dirigentes, gestores e outros profissionais da educação básica da rede pública. Outro objetivo do programa é reduzir as desigualdades na oferta de ensino superior e desenvolver um amplo sistema nacional de educação superior a distância.”

⁴Reportagem divulgada na UOL, sob o título: Mulheres que trabalham são maioria em cursos a Distância.

conflitos e resistências. Também são observáveis novas exigências quanto à qualificação no trabalho, a obsolescência de algumas funções e o desenvolvimento de outras (SEG-NINI, 1998, p. 16-17).

Esta reestruturação organizacional também se faz presente na EaD e implica diretamente na qualidade do trabalho da tutora a distância, no perfil desta profissional e na articulação correta e precisa de sua função com as ações executadas pelos demais componentes da equipe, uma vez que nesta modalidade

[...] Normalmente cabem a diferentes profissionais as tarefas de produzir o conteúdo do curso, de organizar didaticamente o material, de converter o material para a linguagem da mídia (impressa, audiovisual, virtual, etc.), de coordenar todas as atividades de um curso e manejar/gerenciar a turma. A quantidade de membros da equipe polidocente na EaD pode variar, assim como variam suas funções. Por isso, considera-se difícil, senão impossível, um único profissional dar conta de todas as atividades envolvidas – mesmo quando detém os saberes de todos os membros da equipe [...] (MILL, 2010, p. 25).

Nesse sentido, a conduta do profissional em EaD exige, de certa maneira, um sincronismo. No caso da tutora a distância, seu trabalho mobiliza diversos e novos saberes, que vão desde os didático-pedagógicos, relacionados à docência propriamente dita, até aqueles tecnológicos, que envolvem o conhecimento acerca do ambiente virtual de aprendizagem e as ferramentas tecnológicas utilizadas para a mediação entre o conhecimento e o aluno.

Esta profissional, que ainda não podemos quantificar dentre o contingente total daqueles que atuam em nosso país, demanda de nós um estudo criterioso, a fim de responder às seguintes indagações: quais as suas condições reais de trabalho? Qual a sua área de formação? O ofício da tutoria a distância, remunerado por bolsa, é a sua única atividade laboral? Qual a repercussão do trabalho remunerado por bolsa e sem vínculo empregatício na atividade docente desempenhada pela professora tutora a distância?

3 CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

A pesquisa realizada nos leva a pensar na precarização da docência e no estudo da regulamentação das leis trabalhistas para o ofício do tutor a distância, sobretudo,

para o caso das mulheres, que têm necessidades específicas advindas da maternidade e que repercutem na dimensão laboral.

E se o ingresso da mulher tutora no mundo do trabalho contribui para o aumento da participação profissional feminina, pois engrossa as estatísticas nacionais, há de se pensar, porém, que tal ocupação momentânea não lhe dá nenhuma perspectiva de vínculo empregatício, o que pode caracterizar a docência virtual como um “bico”, algo que vai sendo conduzido como der.

Diante destas questões esboçadas, a revisita à história das mulheres de ontem e de hoje nos faz voltar o olhar para a mulher do agora, a mulher professora da EaD. Este olhar é curioso, no sentido de investigar seus anseios e temores, as interfaces estabelecidas entre a sua vida familiar e profissional. Procuramos imaginar em que medida a mulher burguesa, dos séculos XIX e XX, se aproxima desta mulher conectada às redes sociais e à educação a distância. Cumpre, porém, perguntar: qual a distância social e econômica, além do tempo, que separa a ambas?

REFERÊNCIAS

- CECCARELLI, P. R. Família e casal: efeitos da contemporaneidade. In: _____. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005. cap. Violência simbólica e organizações familiares.
- CHODOROW, N. *Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2002.
- COUTINHO, M. L. R. *Família e casal: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005.
- D'INCAO, M. Ângela. História das mulheres no Brasil. In: _____. São Paulo: Editora Contexto, 2011. cap. Mulher e família burguesa.
- DINIZ, G.; COELHO, V. Família e casal: efeitos da contemporaneidade. In: _____. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005. cap. A História e as histórias de mulheres sobre o casamento e a família.
- FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2005.
- MEC. *Estatísticas dos Professores no Brasil*. Ed. PUC-Rio, 2003. Ed. PUC-Rio. Disponível em: <http://www.sbfisica.org.br/arquivos/estatisticas_professores_INEP_2003.pdf>

_____. *Resolução/CD/FNDE nº 8, de 30 de abril de 2010*.
[http://www.fnde.gov.br/fnde/legislacao/resolucoes/item/3390-resolu\[s.n.\], 2010](http://www.fnde.gov.br/fnde/legislacao/resolucoes/item/3390-resolu[s.n.], 2010).

MENDÉZ, N. P. *Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo*. [s.n.], 2005. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/mulheretrabalho/article/view/2712>>.

MILL, D. *Polidocência na educação a distancia: múltiplos enfoques*. São Carlos: EduFSCAR, 2010.

MOURA, S. M. S. R. de; ARAÚJO, M. de F. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, scielo, v. 24, p. 44 – 55, 03 2004. ISSN 1414-9893. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000100006&nrm=iso>.

PRIORE, M. D. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *Histórias e Conversas de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

RIBEIRO, P. S. *O papel da mulher na sociedade*. [s.n.], 2011. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/sociologia/o-papel-mulher-na-sociedade.htm>>.

SEGNINI, L. R. P. *Mulheres No Trabalho Bancário: Difusão Tecnológica, Qualificação e Relações de Gênero*. SÃO PAULO /BRASIL: EDUSP- EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1998.

SILVA, R. *Trabalhadoras, licença maternidade e a luta por autonomia econômica*. [s.n.], 2011. Disponível em: <<http://www.sof.org.br/textos/5>>.